

FALANDO SOBRE GÊNERO E EDUCAÇÃO

ENTREVISTA COM MARÍLIA PINTO DE CARVALHO*

TALKING ABOUT GENDER AND EDUCATION: INTERVIEW WITH MARÍLIA PINTO DE CARVALHO

Nadir Zago** 

Doutora em Sciences de l'Education - Université René Descartes | França
E-mail: nadirzago@uol.com.br

Lea Pinheiro Paixão***

Doutora em Sciences de l'Education - Université René Descartes | França
Email: paixao.lea@gmail.com

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UnoChapécó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: ZAGO, N. PAIXÃO, L. P. Falando sobre gênero e educação: entrevista com Marília Pinto de Carvalho.

Revista Pedagógica, Chapecó, v.15, n.31, p. 443-454, jul./dez. 2013.

* Entrevista concedida em Florianópolis, setembro de 2013.

** Doutora em Sciences de l'Education, Université René Descartes (Paris V - França). Professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina e professora Stricto Sensu da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). E-mail: nadirzago@uol.com.br

*** Doutora em Sciences de l'Education, Université René Descartes (Paris V - França). Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: paixao.lea@gmail.com

1 Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

APRESENTAÇÃO

Doutora em educação¹ e professora livre-docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), a entrevistada possui larga experiência em pesquisas em educação e representa um nome importante na produção e no debate sobre as questões relacionadas às relações entre educação, gênero e raça. Entre outras publicações sobre o assunto, citamos os livros: **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã, 1999; **Avaliação escolar, gênero e raça** (Papirus, 2009) e **Diferenças e Desigualdades na Escola** (Org.) (Papirus, 2012).

Suas linhas de pesquisa abrangem as marcas de gênero no trabalho docente das séries iniciais do ensino fundamental; as diferenças de desempenho escolar entre meninos e meninas; e as articulações entre gênero e raça na produção de desigualdades escolares. Recentemente concluiu uma pesquisa qualitativa sobre as influências da socialização familiar nas diferenças de percurso e desempenho escolar de meninos e meninas dos setores populares urbanos. O resultado dessas diferentes contribuições pode ser igualmente observado em publicações, da entrevistada, que tratam das questões teórico-metodológicas da pesquisa sobre o cotidiano escolar, as interações entre alunos e professores, como também suas reações à pesquisa e ao pesquisador. A autora chama a atenção para a pertinência de considerar, como objeto de reflexão sociológica e dimensões importantes na produção dos dados, a influência da presença do pesquisador na escola segundo a relação de poder envolvida entre este último e os informantes, as diferenças tanto raciais, de gênero, de classe, quanto de idade.

A professora concedeu-nos essa entrevista em setembro de 2013, em um intervalo de suas atividades acadêmicas durante o Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis. O texto apresenta reflexões instigantes e subsídios para o debate **porque pesquisar gênero e raça é importante para a compreensão das desigualdades educacionais e os desafios da pesquisa nesse campo do conhecimento**.

Participaram da entrevista as professoras Nadir Zago e Lea Pinheiro Paixão. Para transcrição do material gravado contamos com a colaboração da mestrande Ana Karina Brocco². As entrevistadoras revisaram o texto final que, posteriormente, foi lido e revisto pela entrevistada.

* * *

Nadir: Para iniciar nossa entrevista, gostaríamos de saber em que momento da sua trajetória você se voltou para o estudo de questões relativas a gênero e como poderia explicar o interesse pelo tema.

2 Psicóloga. Mestranda pelo Pós-Graduação em Educação da UNOCHAPECÓ. Bolsista CAPES. E-mail: anakb@unochapeco.edu.br

Marília: Bom Nadir, eu, na verdade, trago interesse pelas relações de gênero da minha militância antes mesmo de me tornar pesquisadora na área da Educação. Eu estive envolvida com o Movimento Feminista desde a época do Movimento Estudantil. Quando participei do Movimento Sindical dos Professores da Rede Básica – eu fui professora de História – e eu já então me interessava pelo fato das professoras serem na sua maioria mulheres e como nós poderíamos incorporar essa discussão, que diferença fazia esse fato de sermos mulheres. Então, quando fiz o meu mestrado, pesquisei uma escola que hoje seria de Ensino Fundamental de nove anos, na época eram oito anos, e eu foquei na fase inicial do Ensino Fundamental. Era um tipo de trabalho que eu achava muito diferente da experiência que eu tinha tido até então nas séries finais, e uma das marcas que eu percebi nesse trabalho era o fato de que todas eram mulheres e elas tinham uma relação diferente com as crianças. Mas isso ficou em aberto ainda no meu mestrado, era sobre a escola, sobre o funcionamento escolar, a relação da escola com a comunidade e num capítulo eu falo um pouco sobre essas professoras e eu termino dizendo que aquilo era só a pontinha de uma questão que parecia muito mais ampla. Então no doutorado tratei especificamente do trabalho das professoras de primeira a quarta-série e nas dimensões de gênero desse trabalho. Então fui fundo mesmo, fui estudar, era uma questão muito pouco presente nos estudos educacionais na época, em 1999. Estava na minha banca a professora Léa, entre outras, e fui então, começar a explorar teoricamente a questão de gênero e perceber a importância dela. A partir daí eu fiquei completamente amarrada no potencial desse conceito para analisar muitos aspectos da questão educacional, sempre muito focado em escola, eu trabalho principalmente a educação escolar, embora a educação seja muito mais ampla do que isso. Mas meu olhar, sempre foi voltado para a escola.

Nadir: Você se refere aos vários aspectos que tem investigado. Poderia descrever um pouco sobre eles?

Marília: Eu comecei estudando as professoras e hoje continuamos podendo falar no feminino, porque do primeiro ao quinto ano a gente tem 90% de mulheres e mais ainda na Educação Infantil. Mas me chama atenção que nem eu mesma dei continuidade a essa discussão e desde então não orientei qualquer trabalho que tenha pegado esse tema e levado adiante. É uma coisa que ainda tenho como projeto retomar e ver a quantas anda esse trabalho das professoras, se ainda existe a tal professorinha primária, dedicada, que fala de cuidado, que fala de vocação. Eram coisas muito presentes naquele período e que eu vi muito pouco retomadas no campo educacional. Eu gostaria de voltar a trabalhar essa questão hoje, quando temos os processos de pontuação, avaliação, bônus. Gostaria de investigar como

isso interferiu nesse tipo de trabalho mais, diria, “tradicional” da professora primária. Tradicional no sentido temporal mesmo. Avaliar se foi impactado por essa forma de funcionamento mais competitiva, baseada em pontuações, em números, que hoje marca tanto as escolas públicas. Esse foi um aspecto. A partir dali eu praticamente abandonei essa discussão, em função de uma outra coisa muito inquietante que começou a me preocupar e que não se tratava quase no campo da educação: a diferença de desempenho entre meninos e meninas. Então, eu venho trabalhando, a partir de diferentes olhares nesses vinte anos de pesquisa, essa que é uma questão internacional. Não havia uma percepção mais difundida no Brasil de que isso acontecia aqui também, que acontece na América Latina como um todo. O fato de quem tem trajetórias escolares mais truncadas, cheias de repetências, abandono, ida e volta, os meninos e os rapazes e quem tem sucesso escolar no Brasil – e hoje já maioria no Ensino Médio e no Ensino Superior – as moças.

Léa: Independente de classe, de origem social?

Marília: É uma questão que percorre as classes sociais. Se você toma estudos sobre a escolarização nos setores médios e superiores, não há tanta diferença entre os sexos no resultado, mas quando você entra nos estudos qualitativos, você percebe que os rapazes receberam muito mais suporte, que as camadas médias conseguem oferecer, como aulas particulares, mudar de escola para evitar a repetência etc. Mesmo que você tome o resultado em nível superior, e no Brasil ainda é uma camada relativamente privilegiada que tem esse acesso apesar de sua recente ampliação, a maioria são mulheres. Entre os concluintes, mais de 60% são mulheres, nos diferentes cursos. Isso acontece ao mesmo tempo no campo e na cidade, ontem mesmo ouvimos o relato de um professor que pesquisa sobre a situação da educação no campo, acentuando o maior interesse das moças pela escola, o maior interesse delas por aprender e ascender socialmente, saindo do campo e procurando empregos na cidade, enquanto os rapazes acabam se dando mal. Então, acontece em diferentes camadas sociais, em diferentes tipos de inserção social. Mas me parece que embora o resultado seja parecido, talvez os processos não sejam os mesmos. É muito diferente o que acontece com uma moça de setor popular, que consegue se escolarizar a duras penas, com o apoio da família e engravida cedo, tem toda uma cultura na qual ela está inserida, sobre como deve ser sua trajetória, diferente de uma moça que tem todas as condições de acessar escolas de qualidade, que vai ter que fazer um sacrifício muito menor para obter esse desempenho. É muito interessante, porque o resultado é muito parecido, mas imagino que os processos não sejam os mesmos e merecem ser estudados nas diferentes camadas sociais, urbano/rural etc. Não dá para reduzir tudo a mesma coisa, se-

não a gente chega numa explicação que seria essencialista: as mulheres são mais sensíveis, ou mais introspectivas, ou mais obedientes, de forma genérica, de forma geral. Uma explicação baseada na ideia de que as mulheres todas são assim, ou os homens todos são assados, uma explicação essencialista, quando eu acho que são determinações sociais, que merecem ser explicadas em cada contexto, embora os resultados sejam parecidos.

Léa: Os projetos de casamento e de maternidade influenciam os horizontes de escolaridade entre as mulheres? Comenta-se muito que a gravidez precoce entre adolescentes as leva ao abandono da escola ou diminuem seu investimento em escolarização.

Marília: Olha, eu acho que a gente precisa situar isso socialmente, essa realidade que você está traçando, das moças de camadas populares urbanas, em comparação com uma moça de setores médios, mais intelectualizados, que estaria adiando o processo de casamento, de gravidez, para depois de completada sua escolaridade, uma vez que já é de partida prevista uma escolaridade prolongada, que ela chegue ao nível superior. O que eu tenho visto nas camadas populares, é que as moças, como têm muito menos atraso na escolarização, aos 15, 16 anos no máximo, elas têm o Ensino Fundamental completo e este muitas vezes é o horizonte de escolarização que ela tem. Então, com essa idade ela já está passando para a idade adulta e namorando, engravidando e formando uma nova família. É uma idade ainda vista como limite de passagem para a vida adulta. Só que os rapazes da mesma idade em muitos casos ainda não concluíram o Ensino Fundamental, então, chega-se a idade semelhante com escolaridades diferentes. Do ponto de vista estatístico, a gravidez na adolescência ou na juventude, não é um fator importante na escolarização, para atrapalhar a escolarização, para interromper. Ela é muito visível, nos chama muito a atenção, talvez mais a nós que temos outra perspectiva e a mídia. Claro que é preciso dar atenção a essas moças, condições para que elas tenham apoio, não só familiar, mas do Estado, com serviços de saúde e creches, e que a escola não discrimine a moça grávida, respeite sua trajetória, para que ela possa continuar estudando. Mas não é isso que explica os problemas de escolaridade das moças, tanto que os rapazes vão muito pior que elas, em termos de resultado, mesmo nessas camadas sociais.

Léa: Em suas pesquisas você percebeu diferenças entre homens e mulheres atuando como docentes em creches, em educação infantil e ensino fundamental? Há distinções entre as práticas pedagógicas de homens e de mulheres?

Marília: Olha, eu acho que essa é uma boa pergunta,

pra gente explorar o conceito de gênero, porque uma coisa é a gente tentar perceber eventuais diferenças no trabalho de homens e mulheres, no caso da docência, seja para Educação Infantil, para séries iniciais etc. Outra coisa, articulada, mas que não é a mesma, é nós pensarmos quais as características desse trabalho, que socialmente são pensadas como femininas ou como masculinas. Então o que a gente percebe na nossa sociedade é que o trabalho com crianças, quanto menores elas forem, mais é ligado à feminilidade, é pensado como um atributo feminino, mesmo quando ele é exercido por um homem. Os homens que estão nesses espaços – e eles são exceção – acabam desenvolvendo no seu trabalho características que eles mesmos consideram como características femininas, mas que estão presentes em todas as pessoas, em todos os seres humanos na verdade. Características como uma atenção ao aspecto individual da criança, uma atenção que vai muito além da aprendizagem restrita de conteúdos. Não dá para você trabalhar esquecendo se a criança está em determinadas condições, você tem um apelo de relação mais ampla com ela, que não se restringe à questão do conhecimento. Então a gente observa que tanto homens como mulheres, colocados nesse lugar de exercer esse trabalho, acabam desenvolvendo uma forma de trabalhar muito semelhante.

Nadir: Um *habitus*, poderíamos dizer assim...

Marília: É possível pensar como o *habitus* profissional. No Brasil nunca vi esse tipo de estudo, mas existem estudos norte-americanos, ainda dos anos 1960, que encontraram diferenças mais acentuadas, mais perceptíveis entre homens e mulheres no início de carreira. Mas à medida que esses homens permaneciam no trabalho, eles tendiam a exercê-lo de forma muito semelhante aos modelos predominantes, porque as professoras declaram – e isso no Brasil também – que a maior fonte de formação é o trabalho. Essa é uma frase recorrente, não só dos estudos de gênero, mas dos estudos sobre formação de professores: “a gente aprende na prática, na faculdade eu não aprendi quase nada, foi aqui mesmo fazendo que eu fui ver como era o trabalho”. Então, este jeito de fazer vai sendo transmitido de professora para professora, e para professor também quando ele permanece. Agora a diferença mais flagrante é que os homens dificilmente fazem carreira na docência, seja na Educação Infantil, seja nas séries iniciais. Tem uma pesquisadora norte-americana, Christine Williams, que criou um termo que eu acho muito preciso. Em relação às mulheres se fala que existe um teto de vidro nas carreiras executivas, nas carreiras do mercado de trabalho em geral, significando que as mulheres a partir de certo ponto têm dificuldade de ascender aos cargos mais elevados, elas param no “teto de vidro”. Essa pesquisadora estudou homens em profissões majoritariamente femini-

nas, entre elas, a docência para crianças e ela vai falar que os homens estão numa escada rolante de vidro. Eles são permanentemente impulsionados para cima e pra fora da carreira. Isso eu observei muito no meu estudo, ainda no doutorado, a pressão para os homens saírem: “ah, você é tão bom, você podia escrever livro didático”; ou os homens fazendo complementação pedagógica, quando não tinham o curso de Pedagogia, para virem a ser diretores de escola. Então, a ascensão na própria carreira do Magistério, para supervisores ou cargos diferentes na escola, coordenadores pedagógicos ou diretores, sempre para fora da sala de aula.

Nadir: Como se aquele não fosse o seu lugar!

Marília: É, ele pode até começar a carreira ali, mas ele tende a ir para postos de chefia, mais valorizados, também porque sofre mais a pressão de atuar como provedor de sua família. Assim, fica clara a diferença entre discutir o sexo das professoras ou professores – se são homens ou são mulheres – e o gênero do trabalho que exercem, se a docência para crianças é significada como um trabalho feminino, com características ligadas à feminilidade.

Nadir: Marília, ampliando essa discussão, seria importante contar com suas considerações sobre a articulação de gênero com as categorias de raça e origem social, entre outras, citadas em seus trabalhos.

Marília: Esse é um dos maiores desafios que está colocado para as pesquisas sobre relações de gênero e tem sido objeto de muita discussão nos estudos de gênero, em âmbito internacional, porque houve uma tendência inicial de se isolar essa categoria. Mas aos poucos, principalmente com a presença nos movimentos feministas de outros setores sociais, do ponto de vista racial, do ponto de vista socioeconômico, que vão tentar se identificar nas narrativas que vinham sendo feitas sobre gênero, mas vão dizer: não, essa história que está sendo contada não é a minha. Isso porque o debate acadêmico sobre gênero está inevitavelmente articulado aos movimentos feministas, aos movimentos das mulheres pedindo direitos iguais e maior poder no âmbito da sociedade. Então, particularmente no caso do movimento negro, as mulheres negras perceberam que a forma como elas vivenciavam a questão de gênero não era bem apreendida pelo tipo de debate, de conceito de gênero, que vinha hegemonizando a discussão, que provinha de mulheres brancas de setores médios, norte-americanas, por exemplo, que tem uma grande influência no Brasil. Nós estamos num processo de aprender com essas mulheres que têm outras vivências, como fazer essa articulação. Existe uma proposta que circula em nível internacional, que é a de fazer interseccionalidades, que no fundo é uma tentativa de buscar como fazer essa articulação do gêne-

ro com classe social, com raça, com etnia, com diferentes culturas, com meio rural, meio urbano, geração, religiões. Quer dizer, cada uma dessas inserções vai tornando a maneira de se viver as relações de gênero muito diferente. Ao mesmo tempo, existe uma preocupação também em nível internacional, que eu acho muito interessante, que é uma crítica à forma como os países centrais, como os Estados Unidos e a Europa ocidental, desenvolveram o conceito de gênero. É uma forma muito preocupada com a questão da construção da identidade de gênero, então, a discussão da construção/desconstrução de identidades ganhou um peso muito grande nesses contextos e diz muito pouco da vida das mulheres e dos homens, das relações de gênero nos países do sul, nos países do capitalismo periférico. Se você toma os feminismos e as formas de lidar com o conceito de gênero fora desses núcleos centrais há pesquisas muito interessantes. Na Índia, na África do Sul, mesmo na tradição brasileira, que remonta a Heleieth Saffioti e a algumas teóricas, que sempre tiveram preocupação de articular gênero, classe e raça pelo menos, muito mais fortemente do que esse feminismo desenvolvido nos países centrais, que tinham o privilégio de não se preocupar com a propriedade da terra ou com a pobreza, ou com a violência de gênero, que são questões pendentes para nós. Hoje há todo um movimento de se buscar outras maneiras de entender as relações de gênero, marcadas e articuladas com essas outras formas de opressão. Não dá para você discutir a situação de mulheres e de homens pensando apenas na sua identidade de gênero, como se eles não fossem também trabalhadores explorados, seja no campo, seja na cidade, desempregados ou discriminados porque têm determinado pertencimento étnico, no caso dos povos indígenas, ou racial, no caso dos negros no Brasil. Essas coisas constituem juntas a forma das pessoas vivenciarem o seu gênero e não dá para pensá-las de maneira separada.

Léa: Nesse contexto podemos pensar nas vertentes, hoje bastante discutidas, dos estudos pós-coloniais, não?

Marília: Com certeza, há grupo de pensadores e pensadoras que, por um lado, reconhece uma dívida com os estudos pós-coloniais, que se originam principalmente no campo dos estudos culturais, na medida em que trouxeram à luz essa questão do pensamento fora do eixo central. Mas, por outro lado, procuram se diferenciar desses estudos pós-coloniais de corte mais culturalista, enfatizando as questões das relações materiais, que estão um pouco fora do olhar da maior parte dos estudos pós-coloniais, pelo menos na origem. Os estudos culturais estão preocupados com a linguagem, com a cultura, com a produção simbólica, e esses trabalhos no campo dos estudos de gênero a que eu tenho me referido consideram estes elementos como uma parte da realidade, mas acrescentando também questões

como a exploração econômica, seja pela via da propriedade de bens ou da terra, a exploração do trabalho, como questões centrais. Elas estão sem dúvida articuladas à cultura, mas as dimensões materiais são decisivas na vida de homens e mulheres.

Nadir: Embora você já se referiu sobre o assunto, eu gostaria de retomar a discussão de como as pesquisas sobre gênero contribuem ou podem contribuir para pensar os processos de escolarização?

Marília: O primeiro patamar é a diferença de escolarização entre as pessoas de sexo feminino e as pessoas de sexo masculino, qual é o acesso das mulheres e dos homens aos diferentes níveis de escolarização, qual o desempenho a que vêm tendo, em termos de permanência na escola, de conclusão desses níveis de ensino, aquilo que eu já coloquei, que as mulheres vêm demonstrando ter uma escolarização mais linear, menos problemática, menos interrompida, e os rapazes, são os maiores vítimas dos problemas escolares. Se a gente for visitar com o olho aberto uma classe, seja de recuperação, de aceleração, de apoio ou ainda classes especiais (os nomes são diferentes dependendo da rede de ensino), perceberemos que a maioria das crianças atendidas nesses projetos são meninos, e, em geral, meninos negros e pobres. Mesmo se a gente vai numa escola particular, que atende setores médios, quem está ali precisando de um reforço, quem está tendo dificuldade de aprendizagem, muitas vezes articulada com as dificuldades de disciplina, nós vamos encontrar uma maioria de meninos. Esse é um primeiro patamar que tem nos desafiado a entender o que está acontecendo com meninos e meninas na escola. Mais para a ponta final da escolarização a gente vê que, à medida que se fazem escolhas temáticas, seja de cursos técnicos, seja de curso de nível superior, as moças ainda continuam se dirigindo a determinadas carreiras que na história são majoritariamente femininas. As mulheres nos cursos superiores não estão igualmente distribuídas, nem em todas as carreiras, nem em todos os tipos de cursos, estão concentradas nas faculdades privadas, em cursos das áreas de humanidades. Se hoje as mulheres são a maioria no ensino superior, não é em qualquer curso superior. Aqueles que implicam numa maior competição para o ingresso e que em geral, resultam num status social mais alto, seja em termos de recompensa financeira, seja em termos de valorização social, abarcam uma maioria de homens brancos. Penso por exemplo, nas Engenharias e na Medicina. E mesmo dentro desses cursos, as mulheres (na maioria brancas) estão concentradas em algumas especialidades da Medicina, que estão mais associadas à ideia de gênero que se faz na sociedade, características da feminilidade. Este também é um desafio para se pensar. Outro aspecto que tem sido de certa forma explorado no campo

educacional, que está articulado com as questões de gênero, é a das múltiplas identidades sexuais. Cada vez mais, a escola tem sido desafiada a não discriminar homossexuais, transexuais, travestis, crianças que têm comportamentos não necessariamente reconhecidos pela sociedade como identificados com sexo que ela tem. Meninas que querem jogar futebol, meninos que querem brincar de boneca. Os professores e professoras vêm sendo desafiados a entender essa diversidade, sem transformá-la em desigualdade, em discriminação, em preconceito, ajudando as crianças a conviver com esse tipo de situação. Em relação a isso eu só tenho uma preocupação, que é não reduzir a discussão de gênero à sexualidade e à de sexualidade a gênero. Acho que elas se articulam, a meu ver seria muito inadequado discutir a questão da sexualidade sem fazer também uma discussão de gênero, como às vezes se assiste principalmente no campo da saúde, fazer essa discussão sem pensar nas relações de poder envolvidas, que são principalmente de gênero. Acho importante se discutir a questão da sexualidade, mas sem reduzir a sexualidade a gênero, nem gênero a sexualidade, porque o campo de gênero abrange muito mais do que identidades sexuais. Hoje há, as vezes, no Brasil essa redução, particularmente no campo da educação. Acho que temos muito mais do que isso a trabalhar, pensando na profissão docente, no fato de sermos uma maioria de mulheres, no fato dessas características de feminilidade e masculinidade marcarem não só as identidades individuais, mas as maneiras de se trabalhar, formas de organização das instituições. Acho importante reafirmar essa dimensão do gênero, como uma categoria que permite entender formas de funcionamento que aparentemente não têm nada a ver com a sexualidade, com a reprodução, como o trabalho docente ou a construção do ofício de aluno. Tenho um orientando, Fábio Hoffmann Pereira, que está estudando, em sua pesquisa de doutorado, a construção da criança como aluno. Ele percebeu que o ofício de aluno é marcado por dimensões de gênero, dimensões que a sociedade associa com a feminilidade. Que a criança deixe de ser agitada, que aceite uma regra muito monótona, ficar sentadinho, copiar, atitude que é muito desassociada, muito separada da concepção de masculinidade, principalmente nas camadas populares. Muitos meninos vivem em ambientes em que, para ser considerado masculino é preciso ser assertivo, agitado, ele é muito incentivado a atividades físicas ao longo de toda a sua socialização para além da escola. Então, muitos meninos de camadas populares percebem a escola como um espaço de restrição e um espaço muito associado à feminilidade, não só porque você tem uma professora mulher, mas me parece que, principalmente, porque é uma atividade que exige introspecção, silêncio, obediência a regras, que são características muito associadas com as feminilidades e não com as masculinidades, nessas culturas que predominam nos nossos meios populares urbanos. Então, pensar essas dimensões do gênero, não necessariamente

da sexualidade ou da identidade sexual, me parece um terreno muito rico para se explorar no campo da educação.

Nadir: Gostaríamos de finalizar deixando para você acrescentar que outras temáticas e questões mereceriam a atenção de pesquisadores em educação para avançarmos na produção, nesse campo do conhecimento.

Marília: Eu acho que uma outra dimensão muito rica ainda para se explorar, é que quase sempre, na pesquisa em gênero ou em relações raciais, a gente vê o jovem pesquisador se interessando por aquilo que lhe diz respeito mais diretamente. Eu costumo comentar com os meus alunos que pessoas negras estudam negros, mulheres estudam mulheres, homossexuais estudam homossexuais. E eu acho que é hora, particularmente nessa interface de gênero, sexualidade e raça, de nós destamparmos o lado dos setores hegemônicos e nos voltarmos aos estudos dos homens também. Não abandonando os estudos sobre mulheres, mas estudarmos os homens brancos, heterossexuais, aqueles setores que em geral aparecem como a norma. Eles não são objeto de estudo. Praticamente se faz uma identificação: estudos raciais são estudos sobre negros. Mas não! São relações raciais, nós, brancos, também temos raça, nós nos construímos no âmbito de relações raciais e precisamos aprender como é que nós nos percebemos, porque tendemos a nos perceber como universal. Por exemplo, o lápis “cor da pele” que as crianças usam, é um lápis cor salmão, cor de rosa da pele branca, esse é o universal. Em relação a gênero a mesma coisa, não são só as mulheres que têm gênero, os homens também têm gênero e precisam ser compreendidos. Como se constroem as masculinidades? Até porque estamos vendo que dentro da escola um dos problemas centrais é a construção das masculinidades dos meninos sem que isso impeça uma escolarização com sucesso. A mesma coisa com relação aos heterossexuais, quer dizer, se vamos discutir sexualidade, o tema predominante são os homossexuais. Se é muito importante conhecer suas vivências, os preconceitos, como se dá a homofobia, que soluções eles e elas encontram, na sua sociabilidade, nas formas de superar as situações de discriminação que enfrentam, é muito importante também saber como se constrói a heterossexualidade. Se ela não é natural, se ela é socialmente construída, qual é o papel da escola na construção da heterossexualidade? Como a escola trabalha nessa direção, quais são as características da heterossexualidade que são valorizadas? Então o meu convite aos jovens pesquisadores e pesquisadoras é para romperem essas barreiras de ficarem estudando só as pretensas minorias, minorias mais no sentido ideológico do que numérico, e estudarem também, com um olhar a partir da opressão, aqueles e aquelas que pertencem aos setores hegemônicos. Acho que ainda temos muito a aprender nestas dimensões.

PUBLICAÇÕES MAIS RECENTES DA ENTREVISTADA

Livros

CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula: gênero** e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã, 1999. 247 p.

_____. **Avaliação escolar, gênero e raça**. Campinas: Papyrus, 2009. 128p.

_____. (Org.) **Diferenças e Desigualdades na Escola**. Campinas: Papyrus, 2012. 192 p.

CARVALHO, Marília Pinto de; FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). **Dossiê: A educação das masculinidades**. 34. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu – UNICAMP, 2010. v. 1. 200 p.

ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita. Amélia T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. 310 p.

Artigos publicados em periódicos

CARVALHO, Marília Pinto de. Teses e dissertações sobre gênero e desempenho escolar no Brasil (1993-2007): um estado da arte. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 23, p. 220-244, 2012.

_____. O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, MT, v. 21, p. 401-412, 2012.

REZENDE, Andréia. B.; CARVALHO, Marília Pinto de. Meninos negros: múltiplas estratégias para lidar com o fracasso escolar. **Sociologia da Educação: Revista Luso-Brasileira**, Lisboa, n. 5, p. 59-89, out. 2012.

SANTOS, Maria Andressa de Oliveira; CARVALHO, Marília Pinto de. Alunos da Faculdade Zumbi dos Palmares: reinventando o pertencimento racial. **CADERNOS CENPEC**, São Paulo, v. 2, p. 7-22, 2012.

VIANNA, Claudia Pereira; CARVALHO, Marília Pinto de; SHILLING, Flavia Inês; MOREIRA, Maria de Fátima Salum. Gênero, sexualidade e educação formal no Brasil: uma análise preliminar da produção acadêmica entre 1990 e 2006. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 32, n. 115, p. 525-545, 2011.